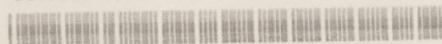


CALDEIRA FILHO. Honneger, na versão da OSMC. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 dez. 1977.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029966

Honneger, na versão da OSMC

CALDEIRA FILHO

Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas — Programa: Honneger, O Rei David (Salmo Sinfônico) em três partes, para orquestra, solistas vocais, coro misto, atores e narrador. Regente: Maestro Benito Juarez. Regentes preparadores: Adriana Ciarola, Helena Starzinsky, Renato Teixeira Lopes e Rui Silva Costa. Teatro Municipal, 18 e 19/12/77.

Arthur Honneger (1892-1955) baseou sua obra sobre texto dramático de René Morax. O assunto refere-se à escolha e investidura do pastor David como rei de Israel, fatos ocorridos durante seu reinado, especialmente o episódio referente ao seu pecado com Betsabá, o arrependimento, a construção do Templo, coroação de Salomão e a morte do grande Rei.

A fala do narrador, com que é iniciada a obra, teve por intérprete o ator David José, declamador excelente em todos os sentidos: clareza, emoção, real vivência expressiva.

Para os diferentes quadros adota Honneger linguagem musical analogicamente, ou esteticamente, figurativa, pois a indispensável dose de objetividade está contida na emoção sonora e não em conotações materiais. Em mais de um episódio o que efetivamente prepondera é a ambientação e não a descrição, não obstante a violenta dramaticidade da cena da Feiticeira de Endor, convincentemente realizada por Irene Ravache. Discretas as sugestões objetivas do contexto. Nos coros e na orquestra, as harmonias então modernas (década de 20) soam com insuspeitado frescor. É constante a espiritualidade das cenas. Um exemplo se encontra na Dança diante da Arca. A estética da rítmica transcende a objetividade coreográfica. Logo adiante, a música pa-

rece incandescer-se com o aumento da paixão de David por Betsabá. A interpretação de Benito Juarez mostrou-se altamente artística. Assinalamos ainda a nobreza de tom com que é enunciada a súplica do perdão, momento extraordinariamente belo em que mais uma vez o lirismo observa o conteúdo dramático.

Os coros, além da força de comunicação, reafirmaram, no caso, a eficácia formal e expressiva do tonalismo harmônico, bem como o valor das forças elementares da música. A de Honneger não é espetacular. Sua grandiosidade é interna; é a linguagem de alguém — David ou Honneger — que se descobriu a si mesmo, assumiu plenamente a experiência vital, tornou-se senhor de sua própria vivência, e somente a consciência desta, de pessoa, de "eu" e não mais de "nós", é que o liberta, que o leva ao trono e ao amor de Betsabá. Nesta destruição gradativa do autismo, agora submisso ao personalismo que relaciona e comanda os homens, residem as razões da criatividade de Honneger e da qualidade da sua música. O fato é sensível em vários temas, nas características das personagens e ainda nas motivações para as figurações sonoras a elas dadas pela imaginação do autor.

Nessa linha psicológica é que, a meu ver, foi encaminhada a construção da obra para torná-la algo realmente humano. Essa mesma linha guiou também os intérpretes, sempre profundos na expressão; os atores já referidos, os cantores soprano Niza de Castro Tank, contralto Helly Anne Carra, tenor Luiz Tenaglia, os corais Coralusp, Unicampe Cuca, e seus regentes preparadores, Adriana Ciarola, Helena Starzinsky, Renato Teixeira Lopes e Rui Silva Costa. Não é preciso dizer que a origem dessa linha psicológica de interpretação está no coração e na musicalidade fecunda do Maestro Benito Juarez, a quem cabe o mérito maior de tão magnífica realização.